

Estrutura e uso: um diálogo entre estudos funcionalistas sobre construções adverbiais de modificação verbal do português

*Structure and use: a dialogue between functionalist studies on adverbial constructions of
verbal modification in Portuguese*

Julia Langer de Campos*¹
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Érika Ilogti de Sá*²
Universidade Federal Fluminense
Rio de Janeiro, Niterói, Brasil

Priscilla Mouta Marques*³
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo: Este artigo, fundamentado na Linguística Funcional Centrada no Uso, analisa dois fatores estruturais em construções adverbiais não canônicas do português: (i) o elemento interveniente em construções com Adjetivos Adverbiais qualitativos; e (ii) o tamanho e tipo de locução em construções adverbiais de tempo e aspecto. Os dados empíricos foram extraídos de dois estudos anteriores (Campos, 2019; Ilogti de Sá, 2015) e revelam que a construção [V AA] apresenta alto grau de integração formal e semântica entre suas unidades, com predominância da sequência direta verbo + adjetivo. Já nas locuções temporais e aspectuais, os resultados indicam preferência por posições marginais na oração, independentemente da estrutura (SN ou SP_{prep}), sendo o tamanho da locução um fator mais relevante na ordenação. As análises confirmam os subprincípios icônicos da proximidade e da ordenação linear e sustentam a visão de que a gramática emerge do uso, sendo moldada por princípios discursivos e cognitivos.

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso. Adjetivos Adverbiais Qualitativos. Locuções Adverbiais de Tempo e Aspecto. Construções de Modificação Verbal

Abstract: This article, based on Usage-Based Linguistics, analyzes two structural factors in non-canonical adverbial constructions in Portuguese: (i) the intervening element in constructions with qualitative adverbial adjectives; and (ii) the length and type of phrase in adverbial constructions of

¹ Pós-doutoranda associada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGLing/UFRJ). Professora de Língua Portuguesa - SEMED Japeri. Doutora e Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: julialangerdecampos@gmail.com.

² Professora Adjunta de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da mesma instituição. Doutora e Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. E-mail: erikacis@id.uff.br.

³ Professora Associada de Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da mesma instituição. Pós-Doutorado na Universidade de Aveiro, Portugal. Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. E-mail: priscillamouta@letras.uffrj.br.

time and aspect. The empirical data were extracted from two previous studies (Campos, 2019; Ilotti de Sá, 2015) and reveal that the construction [V AA] presents a high degree of formal and semantic integration among its units, with a predominance of the verb + adjective sequence. In temporal and aspectual phrases, the results indicate a preference for marginal positions in the sentence, regardless of the structure (NP or SPrep), with phrase length being a more relevant factor in the ordering. The analyses confirm the iconic subprinciples of proximity and linear ordering and support the view that grammar emerges from use, being shaped by discursive and cognitive principles.

.Keywords: Usage-Based Linguistics. Qualitative Adverbial Adjectives. Adverbial Phrases of Time and Aspect. Verb Modification Constructions.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo principal apresentar, à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), dois fatores estruturais e seus efeitos de sentido que caracterizam duas construções adverbiais não canônicas no português: os chamados Adjetivos Adverbiais (AA) qualitativos e as locuções adverbiais de tempo e aspecto. Dizemos que são estruturas não canônicas pelo fato de, muitas vezes, serem colocadas à margem em gramáticas normativas e materiais didáticos, mas também pela ainda pouca descrição em estudos linguísticos. No caso dos adjetivos adverbiais, essa estrutura costuma ser descrita como casos de *derivação imprópria* (ou *conversão*), em que um adjetivo, num determinado contexto de uso, passa a assumir função de advérbio. Por essa razão, alguns trabalhos, como o de Barbosa (2006) e Hummel (2003), utilizam o termo *adjetivos adverbializados*, justamente evidenciando o caráter processual dessas unidades. No entanto, o que se defende aqui é que se trata de um grupo híbrido de adjetivos, que podem atuar em sua função prototípica, isto é, qualificando um núcleo nominal, ou podem modificar o elemento verbal, atribuindo-lhe circunstâncias adverbiais, como modo e intensidade, por exemplo. Já as locuções adverbiais, por sua vez, são descritas geralmente como estruturas formadas por *preposição + nome* com função de advérbio, sem que seja levada em consideração sua diversidade estrutural, já que a locução pode também ser usada sem a preposição e/ou com outros elementos além do núcleo nominal. Ao assumirmos a visão de Givón (2001) e Neves (2011), defendemos que o termo circunstancial temporal/aspectual se refere às locuções adverbiais (preposicionadas ou não) que apresentam tanto a noção semântica de tempo, quanto às que apresentam a noção semântica de aspecto.

A fim de ilustrar tais fenômenos, tomemos os seguintes exemplos:

(1) Skol, a cerveja que desce redondo. (slogan da marca Skol em 1997)

(2) A Associação de Jornais dos EUA lançará em abril uma campanha publicitária. (Editorial Jornal O Globo)

Em (1), temos um exemplo de uma construção com adjetivo adverbial, em que, em um contexto sintático-semântico semelhante ao de um predicativo, o adjetivo *redondo*

permanece invariável, modificando o verbo *desce* e não o nome *cerveja*, como seria o mais esperado por esta classe, exercendo, assim, uma função adverbial ao demonstrar o modo como a cerveja “desce” (é saboreada). Já em (2), o sintagma preposicional *em abril* apresenta o caráter atributivo semântico de tempo ao verbo *lançará*, indicando, portanto, quando a Associação de Jornais dos EUA fará o lançamento da campanha.

A fim de cumprir o principal objetivo deste artigo, estamos nos baseando em resultados de duas pesquisas anteriores desenvolvidas por Campos (2019) e Ilogti de Sá (2015) as quais analisam fatores de ordem estrutural e discursivo-pragmática para explicar os usos de construções adverbiais no português cujo escopo de modificação é o verbo, sendo o trabalho de Campos (2019) voltado para a descrição dos AAs e de Ilogti de Sá das locuções adverbiais⁴. Mais especificamente, pautar-nos-emos na exposição dos resultados dos seguintes fatores a respeito da análise dessas construções: o *elemento interveniente* para os AAs qualitativos; e o *tamanho e tipo da locução* para as locuções adverbiais temporais e aspectuais. Com isso, buscamos contribuir para a divulgação e popularização dos resultados de pesquisas científicas que caracterizam estruturas muito produtivas e frequentes na língua e, de forma mais ampla, contribuir com a descrição dos usos do português atual no que tange duas construções adverbiais de modificação verbal.

A literatura concernente ao estudo dos advérbios nos mostra que esta é uma categoria, por vezes, controversa, tendo em vista as e múltiplas propriedades sintáticas e semânticas dos membros que a compõem. Tradicionalmente, o advérbio é uma classe invariável, que funciona como modificador de outras classes, tais como verbo, adjetivo e outro advérbio, ou de toda uma cláusula, atribuindo-lhes um determinado valor semântico (modo, tempo, negação, afirmação etc). Alguns gramáticos, como Castilho (2010, 2014), apontam para o fato de a modificação verbal não se restringir unicamente à categoria dos advérbios, podendo ser feita também por adjetivos, por sintagmas preposicionais, sintagmas nominais e por participios verbais. No entanto, sua descrição acaba sendo complexa, visto que esses elementos podem apresentar comportamentos sintático-semânticos ora ligados ao léxico (como *hoje*, *ontem*, *agora*, que se referem ao mundo biossocial, nos termos de Câmara Jr (1970)), ora ligados ao nível organizacional e funcional do discurso (como *assim*), com papéis anafóricos ou catafóricos.

As duas construções em foco no presente artigo se restringem à modificação do núcleo verbal, atribuindo um valor semântico qualitativo (Ilari et alii, 1990), convencionalmente chamados de *modo*, no caso dos Adjetivos Adverbiais, e de tempo e aspecto, no caso das locuções adverbiais. Podemos entender as noções de tempo e aspecto pelas palavras de Travaglia (1994, p. 43), em que o tempo é “um TEMPO externo à situação” e o aspecto é “um TEMPO interno à situação”. Ainda baseado no autor (1994, p. 42), ele nos diz que a confusão entre as noções de tempo e aspecto, por

⁴ Ilogti de Sá (2015), além de coletar e analisar as locuções adverbiais temporais e aspectuais do português, também estabelece uma comparação com dados do francês. O trabalho de Campos (2019) também apresenta um caráter comparativo, uma vez que analisa advérbios em -mente de mesma base lexical dos AAs, a fim de depreender as especificações discursivo-pragmáticas de cada uma das construções na rede de modificação verbal qualitativa do PB. Porém, esses não são os enfoques deste artigo.

vezes, ocorre pelo fato de que ambas vêm da mesma categoria: o TEMPO. Para ele, as duas não se confundem, pois:

(a) o **tempo** situa o momento de ocorrência da situação a que nos referimos em relação ao momento da fala como anterior (passado), simultâneo (presente) ou posterior (futuro) a esse mesmo momento. É uma categoria dêitica, uma vez que indica o momento da situação relativamente à enunciação. Aqui temos uma datação;

(b) o **aspecto** não é uma categoria dêitica, porque se refere à situação em si. São as diferentes maneiras de ver a constituição interna da situação, sua duração.

Neves (2011) atenta para o fato de que a noção de aspecto está contida na categoria de circunstanciais temporais. Em outras palavras, a autora afirma que o subgruposamento básico dos advérbios circunstanciais contempla os advérbios de tempo e de lugar, por serem categorias “que fazem orientação por referência ao falante e ao aqui-agora, que constituem o complexo modo-temporal que fixa o ponto de referência do evento de fala” (2011, p. 256).

Isto posto, será abordado um fator estrutural de cada uma das pesquisas realizadas anteriormente pelas autoras, a fim de entender os efeitos de sentido das duas construções adverbiais em questão e, assim, propor generalizações acerca de aspectos cognitivos da linguagem, visto que a abordagem funcionalista se pauta na simbiose entre discurso (uso) e gramática (cognição). Assim, o trabalho de Campos (2019) se debruçou sobre as construções de modificação verbal por meio de adjetivos não-prototípicos, uma categoria híbrida de adjetivos que podem não só modificar núcleos nominais, como também o núcleo verbal, formando com esta unidade um todo significativo, o qual chamamos de [Verbo Adjetivo Adverbial]_{Qualitativo}, refutando a hipótese de se tratar de um adjetivo que passa a figurar como advérbio, como um processo de derivação imprópria, por exemplo, consonante ao que gramáticas normativas postulam. Para isso, foram coletadas 390 ocorrências de sete subesquemas da construção [V AA] na plataforma online *Corpus do Português*, a qual reúne textos das variedades do PB e do PE desde o século XIII até o século XXI, envolvendo registro formal e informal, modalidade oral e escrita, em diferentes gêneros e domínios discursivos. Porém, a autora se restringiu a dados no PB disponibilizados na aba *Web* desta plataforma, que reúne textos do domínio discursivo da internet, sobretudo, *sites* e *blogs* dos séculos XX e XXI.

Feita a coleta da construção [V AA]_{Qualitativo}, a autora passou à análise dos seguintes fatores: frequência *type* e *token* dos itens verbais; frequência *type* e *token* dos itens adverbiais; o tipo semântico do verbo; o tipo semântico do elemento adverbial; a transitividade dos verbos que figuram na construção; a presença e a natureza de elementos intervenientes; a estrutura informacional e o grau de composicionalidade. Neste artigo, será apresentada a análise do fator *elemento interveniente*, o qual compreende a observação de restrição da presença (ou não) deste entre as unidades da construção (verbo e adjetivo adverbial) e a sua natureza morfossintática. Este objetivo justifica-se pelo fato de estarmos lidando com uma construção que admite a presença de outros elementos gramaticais como, por exemplo, os próprios argumentos do verbo, internos e externos; intensificadores como *muito*, *pouco*, *super* etc; partícula *se* vinculada ao verbo intervindo entre as unidades centrais. A hipótese vinculada a este fator é a de que se admitam poucos elementos

intervenientes uma vez que a semântica qualitativa prevê uma integração mais forte entre as unidades *verbo* e *adjetivo*, a qual é verificada na decodificação linguística, conforme prevê o subprincípio icônico da proximidade (cf. Givón 1990, 1995).

Quanto ao trabalho de Ilogti de Sá (2015), com o objetivo de comparar possibilidades de ordenação e identificar as diferentes motivações para seus usos, foram coletadas e analisadas ocorrências em jornais de grande circulação no Brasil, como *O Globo* e *Folha de São Paulo*, no período de 2007 a 2015. A autora considerou como circunstanciais⁵ válidas todas as locuções adverbiais com valor temporal e aspectual, com estrutura de sintagma nominal (SN) ou de sintagma preposicional (SPrep) que tivessem um escopo de modificação verbal e chegou a um total de 574 dados para o português, divididos em uma amostra de 80 textos (40 de cada veículo). Essa amostra estava subdividida em dois gêneros textuais, editoriais e notícias, com o objetivo de verificar graus de formalidade no discurso e a tipologia textual, mais argumentativa e mais narrativa. Após a coleta, a autora descreveu uma série de ordenações possíveis para essas locuções e passou à análise de fatores que pudessem motivar os seus usos, como tipo de verbo, representação do sujeito, posição do sujeito, estrutura e o tamanho da locução, semântica da locução, função discursiva e gênero textual.

Neste artigo, apresentaremos o fator *estrutura (tipo)*, que distingue locuções com a estrutura de um SN ou de Sprep (com ou sem cabeça) e o *tamanho da locução*, o qual busca identificar se a locução é pequena (de 2 a 3 palavras), média (de 4 a 5 palavras) ou grande (mais de 6 palavras). Com esses fatores, o objetivo é perceber quais locuções são mais presas ao verbo, se essa relação é motivada pelo tipo de sintagma ou pela extensão da locução. Nossa hipótese é de que locuções maiores devem ocorrer mais na margem direita, ou seja, no final da oração, já que essas estruturas seriam mais pesadas e, por isso, não devem interromper o fluxo de informações essenciais, ou seja, não quebrariam a coesão textual e a decodificação cognitiva relacionada entre sujeito, verbo e complemento.

Nesse cenário, nosso artigo está organizado da seguinte forma: a contextualização teórico-metodológica sobre a qual se debruçam tais pesquisas; na subseção seguinte, a apresentação e discussão do fator *elemento interveniente* para a análise da construção com Adjetivo Adverbial; em seguida a apresentação do fator *tamanho e tipo da locução* e seus resultados, e, por fim, conclusões e apontamentos que esses fatores nos trazem acerca da compreensão de construções adverbiais modificadoras do verbo no sistema do português.

2 A LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) é um modelo teórico que reúne pressupostos da corrente funcionalista norte-americana e da abordagem cognitivista da linguagem. Autores como Traugott e Trousdale (2013), Bybee (2010, 2015), Tomasello

⁵ Ao longo do artigo, o termo circunstancial temporal e aspectual aparece como locução adverbial de tempo e aspecto.

(2003), Barlow e Kemmer (2000) são alguns representantes dessa vertente funcionalista, em que a gramática é entendida como uma rede de construções. Entende-se por construções pareamentos simbólicos de forma e função, os quais estão organizados em rede através de *links*, constituindo um todo interconectado (*constructicon*).

Segundo essa abordagem, a gramática está suscetível a mudanças face às necessidades comunicativas advindas do contexto pragmático-discursivo, visto que é no ato da interação que o falante faz adaptações entre estrutura e contexto, a fim de atingir seus propósitos comunicativos. De acordo com Martelotta (2009, p. 63), a gramática seria “o resultado de um conjunto de princípios dinâmicos que se associam a rotinas cognitivas e interativas moldadas, mantidas e modificadas pelo uso”. Desta forma, o funcionalismo pauta-se no conceito de *gramática emergente* (Hopper *apud* Tomasello, 2003), ou seja, a estrutura está constantemente se (re)estruturando, uma vez que é passível à mudança. Assim, devido à força informativa do discurso, os falantes recriam padrões gramaticais a todo o momento, havendo, portanto, uma simbiose entre discurso e gramática, em que um se favorece do outro, renovando-se de tempos em tempos em cada situação discursiva. Essas cenas são de suma importância para a manutenção do sistema linguístico, já que desempenham um papel duplo: são resultantes da atuação do sistema e, ao mesmo tempo, moldam-no, num movimento de interdependência.

Considerando que construções são unidades basilares das línguas, Croft (2001) pontua as propriedades formais e funcionais destas que podem estar associadas por links simbólicos. São propriedades formais as de cunho sintático, morfológico e fonológico, e propriedades funcionais as de cunho semântico, pragmático e discursivo-funcional. Assim, o conceito de construção, em si, reflete a capacidade humana de associação transmodal (Bybee, 2010) por congregar forma e função. Além disso, o sentido da construção é rico em termos socioculturais, visto que o falante de uma língua armazena uma gama de informações vinculadas às construções e a seus contextos de uso. Nesse viés, falar uma língua é saber usá-la pragmaticamente, de modo a atingir os propósitos comunicativos.

Entendendo, portanto, que a gramática é uma rede de construções, podemos observar os fenômenos aqui analisados como construções associadas a um esquema mais alto na rede dos adverbiais do português. Tal esquema reúne propriedades mais gerais de forma e função, permitindo relacionar adjetivos adverbiais e locuções, devido ao fato, por exemplo, de serem modificadores verbais, atribuindo a estes uma função semântica - no caso dos adjetivos adverbiais, um atributo qualitativo, e das locuções, tempo e aspecto. Propomos o esquema [Verbo Adverbial] como o esquema mais geral e abstrato que instancia níveis mais específicos, a saber: [Verbo AA]_{Qualitativo} e [Verbo Sprep]_{Tempo/Aspecto} ou [Verbo SN]_{Tempo/Aspecto}, no caso das locuções. Esses subesquemas, por sua vez, licenciam outras construções ainda mais específicas, em que um dos *slots* esteja preenchido, como [Verbo *rápido*], [Verbo *de vez em quando*] ou [Verbo *um dia*], ou ainda, níveis ainda mais concretos, em que todos os elementos estão especificados: [Falar rápido], [Passear de vez em quando] e [Caminhar um dia], por exemplo. Esses são níveis mais específicos, porém, também abstratos, por se tratar de unidades simbólicas,

que licenciam instâncias de uso concretas, em situações reais de comunicação, também chamados de constructos (ou *tokens*).

Nessa perspectiva, Traugott e Trousdale (2013, p. 13) apresentam três *parâmetros* que norteiam o conceito de construção: (i) Esquematicidade: envolve graus de abstração e instâncias de uma mesma construção, caracterizando níveis de abstração de uma rede, conforme apresentado acima, em que se tem esquema (o nível mais alto na rede e mais abstrato), o subesquema (nível com alguns elementos já preenchidos) e a microconstrução (nível em que todos os elementos estão especificados). (ii) Produtividade: é gradiente e se relaciona com a “extensibilidade” de uma construção, isto é, por quantos níveis (instâncias) ela pode se estender. Está muito relacionada à esquematicidade, pois quanto mais instâncias vinculadas a um mesmo padrão construcional, muitas vezes, mais esquemático, pode-se dizer que mais produtivo ele é. Em termos de análise, podemos mediar a produtividade através do controle da frequência e da variedade de elementos licenciados pela construção. E, por fim, (iii) Composicionalidade: diz respeito ao quão transparente (ou opaca) é a relação entre a forma e a função em uma construção. Costuma-se pensar na composicionalidade tanto em termos semânticos, no que tange a soma do sentido das partes para a significação do todo, quanto em termos sintáticos, propriedades dos componentes formais da construção. Nas palavras de Traugott e Trousdale (op. cit.), construímos expressões complexas bem formuladas de forma recursiva. O sentido da construção não é inteiramente composicional, mas elementos formais vão fornecendo pistas para o significado do todo.

Uma vez que a LFCU assume a construção como unidade básica da língua, convencionalizada e compartilhada socialmente pelos falantes, há a necessidade de um tratamento para explicar como a gramática se organiza numa perspectiva sincrônica. Este artigo busca contribuir nesse sentido, ou seja, através de uma análise construcionista baseada no uso, pretende delinear propriedades da forma e da função de duas construções adverbiais qualitativas, a princípio, não-prototípicas, de modo a caracterizá-las na rede adverbial do português atual.

A fim de alcançar este objetivo, outro ponto teórico se faz importante para a discussão proposta aqui, que é o princípio funcionalista da Iconicidade. Este conceito pode ser definido como a correlação natural entre forma e função, isto é, na visão funcionalista, há uma motivação entre o código linguístico e seu *designatum*. À essa noção vincula-se a ideia de que a estrutura linguística reflete, de alguma forma, a experiência humana: “a suposição geral é a de que a estrutura linguística revele o funcionamento da mente, bem como as propriedades de conceptualização humana do mundo” (Martelotta, 2009, p. 167).

Sendo assim, os funcionalistas advogam que há laços de motivação entre padrões linguísticos e o que eles designam no mundo biossocial dos falantes. Porém, há casos em que essa motivação não é nítida, sendo aparentemente arbitrária. Isso ocorre devido à força corrosiva do tempo, fazendo com que um falante, em um estado sincrônico da língua, não recupere a correlação entre o plano da expressão e do conteúdo. A relação motivada entre o que é estruturalmente expresso e aquilo que está cognitivamente

armazenado pode ser destrinchada em três subprincípios icônicos: (i) da quantidade; (ii) da ordenação linear e (iii) da integração (Givón, 1995).

O *subprincípio da quantidade* prevê que, quanto maior a quantidade de informação a ser passada ao interlocutor, maior será a quantidade de forma usada para tal. Isso significa que a complexidade do pensamento se reflete na complexidade estrutural. Sendo assim, informações que são conhecidas e esperadas pelo interlocutor tendem a ser expressas por porções menores de texto e são também menos complexas sintática e morfologicamente; enquanto informações novas e não esperadas requerem maior quantidade de forma para serem expressas. Croft (1990) corrobora tal assertiva ao dizer que “conceitos que são sempre, ou frequentemente, expressos por estruturas gramaticais simples são cognitivamente primitivas e aqueles expressos por estruturas complexas são cognitivamente complexos” (1990, p. 173).

O *subprincípio da ordenação linear* aponta que a estrutura sintática revela a ordem como os fatos estão armazenados e organizados na mente do falante. Desta forma, o grau de importância das informações é refletido na ordenação dos elementos no enunciado. Este subprincípio tem um papel importante no que se refere à noção de *contrast*, uma vez que há uma tendência de colocar no início da cláusula o elemento que se deseja evidenciar, fugindo muitas vezes do padrão de ordenação mais frequente e menos marcado.

Por fim, o *subprincípio da proximidade* (ou *integração*) postula que o que está cognitivamente próximo estará sintaticamente próximo. Em outras palavras, conteúdos armazenados juntos estarão mais integrados também no nível da decodificação. Este subprincípio contribui para verificarmos o impacto da frequência sobre as construções linguísticas, em que construções muito frequentes no uso tendem a se aproximar também no nível da cognição. Este subprincípio, em especial, contribui para a interpretação dos fatores estruturais apresentados neste artigo a respeito das duas construções adverbiais em foco: o elemento interveniente (no caso dos AAs) e o tamanho e tipo das locuções, uma vez que nos trarão resultados acerca do grau de integração entre verbo e elemento adverbial e, conseqüentemente, seus efeitos no discurso e na cognição.

Dito isso, seguimos para a apresentação dos resultados das análises depreendidas por Campos (2019) e Ilogti de Sá (2015) sobre os fatores previamente mencionados, o *elemento interveniente* e o, *tamanho e tipo das locuções adverbiais*, respectivamente

3 O ELEMENTO INTERVENIENTE NAS CONSTRUÇÕES COM ADJETIVOS ADVERBIAIS

No que tange este fator observamos a presença ou ausência de elementos estruturais entre as unidades *verbo + adjetivo adverbial*, com o objetivo de captar maior ou menor grau de integração entre as unidades que compõem a construção [V AA] e, num outro momento, relacionar este fator aos níveis de composicionalidade que estas construções podem apresentar. Conforme exposto anteriormente, aventamos que a construção [V AA] admita menos elementos intervenientes devido ao fato de constituir

uma unidade mais integrada entre *verbo* e *adjetivo adverbial*. Dentre o conjunto de dados da pesquisa, foram encontradas as seguintes categorias de elementos intervenientes:

- Adjuntos graduadores de intensidade, tais como: *muito*, *pouco*, *bem*, *bastante*, *super* etc.;
- Argumentos internos;
- Argumentos externos;
- Outros, como: pronome *se* e adjuntos adverbiais.

Observemos a tabela a seguir, a qual demonstra a disposição dessas categorias por cada construção adverbial:

Tabela 1: Distribuição do tipo de elemento interveniente

Tipo de Elemento Interveniente	N	%
Nenhum	241	61,8
Adjunto Graduador	147	37,7
Sujeito	-	-
Argumento Interno	2	0,5
Outros	-	-
Total	390	

A Tabela 1 demonstra que a hipótese inicial se confirma, uma vez que a construção [V AA] não aceita muitos elementos intervenientes entre as unidades básicas que compõem a construção qualitativa, corroborando o que estudos funcionalistas apontam acerca dos advérbios qualitativos, isto é, de que há uma forte integração entre o verbo e seu modificador, o que restringiria a ocorrência de um SN pleno, por exemplo, entre o *verbo* e o *adjetivo adverbial*. Os números mostram que em 61,8% dos dados (241 ocorrências) não há nenhum elemento interveniente, sendo este padrão ([V AA]) portanto, a representação que mais impacta a memória do falante. Além disso, dentre todas as categorias que, por hipótese, poderiam figurar entre o verbo e o adjetivo adverbial, o adjunto graduador foi o mais recorrente (147 ocorrências, correspondendo a 37,7% dos dados). Isso se deve, em grande parte, ao fato de essa construção envolver duas categorias, o verbo e o elemento adverbial,

que podem receber atribuição de intensidade; logo, adjuntos graduadores são esperados, previstos neste tipo de construção e interferem pouco na integração das unidades basilares.

Destaca-se, ainda, a parca ocorrência de argumentos internos (apenas 2 dados (0,5%). Esses dois únicos casos em que houve um argumento interno na posição interveniente se deveu, inclusive, a uma característica coercitiva da construção [V AA] que é a tendência à intransitividade verbal, isto é, os itens verbais recrutados pelas construções com AA tendem a ser intransitivos ou ser usados intransitivamente⁶.

Os exemplos reproduzidos a seguir ilustram alguns casos da construção [V AA]:

(3) “e eu só sei que eu gosto de ele ainda pq o meu coração começa a bater muito forte quando eu ou ele chega perto ” (meninasgarotas.com.br)

(4) O engenheiro de vendas usa uma argumentação específica para o negócio do cliente, fala português claro (até para explicar alguns termos que surjam em “informatiquês ”) (aisapereira.blogspot.com)

No exemplo (3), verifica-se o adjunto graduador *muito* entre o verbo *bater* e o adjetivo *forte*, em que ele intensifica o elemento adverbial. Em seguida, no exemplo (4), temos um SN pleno como argumento interno, *português*, entre *fala* e *claro*. Observemos a Tabela 2 que mostra esses elementos distribuídos por cada subesquema:

Tabela 2: Relação entre cada subesquema e presença de material interveniente.

Subesquemas	Com material interveniente		Sem material interveniente		Total
	N	%	N	%	
[V alto]	79	39,6	120	60,4	199
[V forte]	66	43,4	86	56,6	152
[V simples]	1	4,5	21	95,5	22

⁶ A pesquisa de Campos (2019) prova esta tendência intransitiva por meio da análise do fator *Transitividade verbal* aliado com o apresentado no presente artigo que é praticamente a não ocorrência de argumentos internos.

[V grande]	-	-	7	100	7
[V natural]	1	16,7	5	83,3	6
[V claro]	2	50	2	50	4
Total	149	38,2	241	61,8	390

A Tabela 2 expõe a relação entre a presença ou ausência de material interveniente por cada subesquema da construção [V AA] analisado em Campos (2019). Assim, podemos verificar mais uma vez a tendência de não aparecer nenhum elemento entre as unidades V e AA, uma vez que todos os subesquemas apresentaram uma porcentagem maior indicando a ausência de elemento interveniente. É interessante observar que os subesquemas [V alto] e [V forte], os quais demonstram uma hibridez semântica entre qualidade e intensidade - e são os mais frequentes na amostra analisada -, apresentam uma quantidade maior de construtos com material interveniente (43,4% para [V forte] e 39,6% para [V alto]), sendo este majoritariamente um adjunto graduador, conforme atestado a partir dos resultados expostos na tabela anterior. Vejamos um exemplo do subesquema [V alto] em que ocorre o intensificador *bem* entre as unidades do verbo *cantar* e do adjetivo *alto*:

(5) “quando vc comesar a ficar triste pense em Deus coloque um cd e comesse a *cantar bem alto* nem que seja para a vc sorrir de si mesma depois quem canta os males espanta melhora muito o nosso umor beijs e fique cm DEUS” (<http://apenas1.wordpress.com>)

Os resultados relativos à presença e à natureza de elementos intervenientes comprovam a hipótese de que haveria uma baixa ocorrência de elementos intervenientes na sequência *verbo + adjetivo adverbial* ou da presença de categorias que pouco interferem na integração da construção, como é o caso dos adjuntos graduadores e pronomes oblíquos como argumentos, por serem termos de pouco conteúdo fonético e dependentes sintaticamente. Desta forma, admite-se que a construção em questão apresenta alto grau de integração entre suas unidades componentes, em conformidade com o subprincípio icônico da proximidade. Ressalta-se que a frequência de uso de algumas microconstruções com adjetivos adverbiais pode contribuir para que as

unidades componentes dessas microconstruções estejam ainda mais integradas cognitivamente, contribuindo para a perda de composicionalidade, isto é, o sentido do todo não se dá pela soma das partes componentes. Tal fato não acarreta em uma restrição de ocorrência de adjuntos graduadores entre o verbo e o adjetivo adverbial que o modifica, embora tenda fortemente a não licenciar outros tipos de elementos intervenientes. Defendemos que isso se deva, como já mencionamos, ao fato de tais adjuntos serem unidades que quantificam e/ou intensificam o adjetivo adverbial, causando pouco impacto na integração entre as unidades basilares da construção devido a sua pouca massa fônica e sua alta previsibilidade neste tipo de construção. Vejamos os exemplos (6) e (7) a seguir:

(6) Não há milagres, a razão *deve falar alto* para que os ânimos não se exaltem (<http://amelhordasintencoes.wordpress.com>)

(7) Essa questão do branqueamento *bateu forte* em mim e eu sei que *bate muito forte* em muitos negros também. (<http://amaivos.uol.com.br>)

No exemplo (7), a transitividade verbal do verbo *bater* colabora para que o falante interprete essa construção como composicional, uma vez que apresenta um sujeito e um objeto afetado *em mim* e *em muitos negros*. Porém, o sujeito metafórico, *essa questão do branqueamento*, impede que a construção seja lida integralmente com sentido composicional, uma vez que este sujeito não tem a habilidade de *bater*, ou seja, não teria como literalmente praticar essa ação (de maneira forte). Esse *mismatch* (desacordo) é resolvido quando o falante entende que a ação de *bater* não se dá de forma concreta, mas sim subjetiva, metafórica, e todo o bloco assume o sentido de *impactar*. O mesmo ocorre em (6) quando o falante compreende que o sujeito *a razão* não possui a habilidade de *falar* e, portanto, precisa interpretar de forma metafórica para se chegar ao resultado de *ser mais importante*, uma vez que o sujeito *razão* não tem a habilidade denotativa de *falar*. Nestes contextos, tem-se a formação de uma outra construção, menos composicional, diferentemente do que atestamos na construção qualitativa.

Isso posto, partimos para a análise do fator *estrutura* e *tipo de locução* relativo ao trabalho de Ilogti de Sá (2015).

4 O TAMANHO E O TIPO NAS LOCUÇÕES TEMPORAIS E ASPECTUAIS

Em relação a estes fatores, primeiramente verificamos o tipo de construção das locuções temporais e aspectuais, se eram iniciadas por preposição (sintagma preposicional – SPrep) ou não (sintagma nominal – SN). Além de identificar o tipo mais recorrente nos jornais brasileiros, objetivamos com esse fator verificar se a presença da preposição favorece maior proximidade do circunstancial em relação ao verbo. Assim, dados como os exemplos abaixo foram considerados para análise:

(8) As eleições indiretas, |que *devem ocorrer entre 15 de setembro e 15 de outubro*, | significam um dilema. [notícia – Folha de São Paulo]

(9) ***Poucos anos atrás***, uma melhora de classificação de risco do país num contexto de grande incerteza no mundo das finanças internacionais seria impensável. [editorial – Folha de São Paulo]

Como podemos observar, em (8), a preposição *entre* inicia o circunstancial – *entre 15 de setembro e 15 de outubro* –, colocado logo após a forma verbal (*devem ocorrer*). Esta construção é a prototípica para as locuções adverbiais, descritas em manuais didáticos e na literatura geral. Porém, em alguns casos, a preposição da locução adverbial temporal/aspectual pode ser omitida, como observado em (9), em que a locução adverbial ocorre sem preposição; no entanto, a noção de circunstância temporal de em *poucos anos atrás* permanece.

Nossa hipótese inicial, conforme já explicitado, é de que as locuções iniciadas por preposições estivessem mais presas à estrutura verbal. Isso nos traz também como reflexão que as construções circunstanciais sem a preposição, ou seja, em forma de SN, poderiam estar mais livres nas sentenças.

Observemos a tabela 3⁷ a seguir, na qual verificamos a distribuição da posição dessas duas estruturas de circunstanciais temporais e aspectuais em português:

Tabela 3: Distribuição da posição em SNs e SPreps temporais e aspectuais

		Nominal		Preposicional	
		N	%	N	%
Pré-Verbais	AdvV	3	8	26	5
	XAdvV	0	0	9	1,5
	AdvXV	9	23	101	19
	XAdvXV	1	2,5	10	2
Pós-verbais	VXAdv	5	13	179	33
	VAdvX	10	25,5	81	15
	VAdv	8	20,5	81	15
	VXAdvX	3	7,5	47	9
AuxAdvV		0	0	1	0,5

⁷ Essa ordenação, proposta por Ilogti de Sá(2015), considera V (verbo), Adv (locução adverbial temporal e aspectual) e X (qualquer outro elemento, como sujeito, objeto e até mesmo outro adverbial). Em outro momento da pesquisa, a autora descreve esse elemento X.

Total	39	100	535	100
-------	----	-----	-----	-----

O objetivo inicial dessa pesquisa é identificar as motivações para os usos diferentes, principalmente em termos de ordenação, para as locuções adverbiais temporais e aspectuais. Na análise, dos 574 dados encontrados, 93% (535) eram constituídos por preposição (SPrep) e apenas 7% (39) eram sintagmas nominais (SN) funcionando como circunstanciais temporais/aspectuais. Esperávamos, nesse caso, que houvesse mais dados de sintagmas nominais na margem esquerda e que os sintagmas preposicionais ficassem mais próximos ao verbo. A partir dessa tabela, percebe-se que dados como (10) foram os predominantes em todo o *corpus* analisado:

(10) O medicamento chegou ao Brasil **nesta semana**. (notícia – Folha de São Paulo)

No exemplo (10), verifica-se a locução adverbial temporal – em formato de SPrep, *nesta semana*, iniciada pela preposição *em* seguida do sintagma nominal *esta semana* – em posição final de oração logo após um complemento circunstancial, *ao Brasil*, e a forma verbal, *chegou*. Essa posição segue a ordem não marcada identificada para as locuções dessa natureza nos estudos, a ordenação VXAdv, constituindo 179 locuções de um total de 535, ou seja, 33% do total dos dados. Na sequência, a segunda posição mais encontrada foi a exemplificada em (11):

(11) **Em outubro de 2002**, Berlusconi cometeu uma gafe com Cacciari. (editorial – O Globo)

No exemplo acima, a locução adverbial – *em outubro de 2002* – segue em SPrep, mas agora em posição inicial de sentença, ordem AdvXV. Esses dados representam 19% dos dados totais e indicam que a hipótese inicial de que as locuções em SPrep estariam mais próximas ao verbo não se concretiza, visto que tal dado inicia a oração, em margem esquerda, e é seguido pelo sujeito (*Berlusconi*) e a forma verbal (*cometeu*).

Quanto às estruturas nominais, das 39 ocorrências, apenas 12 se posicionaram na margem esquerda (9 AdvXV e 3 AdvV). Os demais casos seguiram as tendências de uso dos circunstanciais temporais/aspectuais do português – 10 dados ilustrativos de VAdvX, 8 de VAdv, 5 de VXAdv, 3 de VXAdvX e somente 1 de XAdvXV. A posição predominante de uso desse tipo de locução foi a VAdvX, com 10 dados (25,5% do total das 39 ocorrências), como se pode verificar em (12):

(12) No futuro, ele poderá revelar-se, **mais uma vez**, muito elevado. (editorial – Folha de São Paulo)

Diante dos resultados encontrados, mostramos que esse fator estrutural, pelo menos nos dados analisados do português, não se mostrou tão relevante para identificar a motivação para um uso mais próximo ou mais afastado do verbo, principalmente

devido ao reduzido número de ocorrências de circunstanciais representados por um SN. No entanto, para além dessa tipologia da locução, a partir dos subprincípios da ordenação linear (uma informação mais previsível deve ser colocada em primeiro lugar na oração) e da integração (uma informação não quebra a integração existente entre elementos cognitivamente relacionados), segundo Givón (1995, 2001), outra hipótese era de que os circunstanciais maiores se mantivessem nas margens, principalmente na direita, e de que as posições mediais fossem ocupadas pelos advérbios de peso fonético menor. Para verificar a hipótese, consideramos as seguintes possibilidades para os circunstanciais de tempo/aspecto:

a) Pequeno: 1, 2 ou 3 palavras

(13) **No passado**, já culpou a elite colombiana pelo conflito armado (notícia 5 – Folha de São Paulo)

b) Médio: 4 ou 5 palavras

(14) Eles praticam diversos exercícios **de tempos em tempos** no Golfo Pérsico. (notícia – O Globo)

c) Grande: 6 palavras ou mais

(15) O mais alto número de vítimas de ataques terroristas em um único dia no Iraque desde 2003 é o saldo de 202 mortos **em 23 de novembro de 2006**. (notícia – Folha de São Paulo)

Alguns estudos sobre ordem de circunstanciais no português brasileiro já comprovaram a motivação exercida pelo peso do circunstancial em sua ordenação (cf. Andrade, 2005; Brasil, 2005; Ilogti de Sá, 2009, 2015; Soares, 2012; Lessa, 2012; dentre outros). Nosso objetivo, como já destacado, era verificar se o tamanho do circunstancial motivaria sua ordenação mais marginal ou medial. A seguir, veremos, na Tabela 4, as tendências de ordenação dos circunstanciais de acordo com os fatores discriminados anteriormente:

Tabela 4: Tendências de ordenação por tamanho da locução.

		Pequena		Média		Grande	
		N	%	N	%	N	%
Pré-Verbais	AdvV	23	6	4	3	2	2,5
	XAdvV	4	1	3	2	2	2,5

	AdvXV	65	18,5	28	19	17	22,5
	XAdvXV	3	1	5	3	3	4
Pós-verbais	VXAdv	101	29	54	36	29	38
	VAdvX	70	20	13	9	8	10,5
	VAdv	52	15	28	19	9	12
	VXAdvX	31	9	13	9	6	8
AuxAdvV		1	0,5	0	0	0	0
Total		350	100	148	100	76	100

A tabela acima demonstra que os circunstanciais com até três palavras são os mais produtivos, correspondendo a 61% das ocorrências (350 dados) nos jornais brasileiros analisados, seguidos dos médios, com 148 dados, e os grandes, com apenas 76 ocorrências.

Correspondendo às nossas expectativas, as posições mediais, principalmente à direita do verbo, foram preenchidas em grande parte por circunstanciais de menor extensão. Das 350 locuções adverbiais temporais pequenas, 70 (ou seja, 20% desses casos) posicionaram-se logo após o verbo em VAdvX e 31 (9%), em VXAdvX, conforme podemos identificar no exemplo (16):

(17) O ministro da saúde, José Gomes Temporão, anunciou *na semana passada* uma verba suplementar de R\$ 2 bilhões para o setor. (editorial – Folha de São Paulo)

O exemplo acima, formado por uma locução de três palavras, ou seja, considerada pequena, ordena-se entre a forma verbal, *anunciou*, e seu complemento verbal, *uma verba suplementar de R\$ 2 bilhões para o setor*. Dados como esses quebram a integração entre o verbo e o seu complemento e são bastante raros no *corpus*, correspondendo a apenas 44 ocorrências. Entretanto, constatamos maior percentual desses circunstanciais principalmente na margem direita da oração – 101 dados (29% do total de 350 para VXAdv) e, a seguir, na margem esquerda, com 65 (18,5%) em AdvXV.

Um resultado interessante, no que concerne às locuções menos extensas, foi a quantidade de dados em posição inicial, sem nenhum elemento interveniente, ou seja, a ordem AdvV ilustrada no exemplo (17) abaixo:

(17) *Em abril*, terminou frustrada a primeira tentativa do premiê Recep Erdogan de emplacar Gül – no sistema turco. (editorial 6 – Folha de São Paulo)

No exemplo acima, a locução, *em abril*, de apenas duas palavras, posiciona-se na margem esquerda e colada à forma verbal, *terminou*. A propósito, tal ordenação, como se

observa na tabela, parece mais receptiva às locuções pequenas do que aos circunstanciais de tamanhos médio e grande (com 4 e 2 dados apenas, respectivamente).

As locuções médias mantiveram a tendência geral de se situarem nas margens da oração. Das 148 ocorrências, 36% (54 dados) posicionaram-se na margem direita, após um elemento X (VXAdv); 19% (28%) ainda na margem direita, mas imediatamente após o verbo (VAdv); e os mesmos 19% (28) deslocados para a margem esquerda, antes de um elemento X (AdvXV). Em posições mediais, os circunstanciais de 4 ou 5 palavras não se mostraram produtivos: dos 148 dados, 3 ocorreram em XAdvV, 5 em XAdvXV, 13 em VAdvX e 13 em VXAdvX).

Com relação aos circunstanciais considerados grandes, esperávamos que os mesmos não aparecessem em posições mediais e se mantivessem às margens da oração para não interferir na relação entre sujeito-verbo ou verbo e complemento (Givón, 1995, 2001). O resultado corroborou nossa expectativa, visto que, das 76 ocorrências de circunstanciais com mais de 6 palavras, 69 permaneceram na posição final ou inicial da oração – 29 casos (38%) em VXAdv, 19 (17%) em VAdv, 19 (17%) em AdvXV e 2 (2,5%) em AdvV, como pode ser visto no exemplo (19):

(18) Cerca de R\$ 250 milhões caíram nesse sorvedouro só ***nos três primeiros meses do ano.*** (editorial – Folha de São Paulo)

Em (18), a locução adverbial de 6 palavras ocorre na margem direita da oração, finalizando a sentença. Em português, percebemos que o peso dos circunstanciais não possui influência predominante nas ordenações. Embora percebamos as locuções grandes tendendo a posições marginais, conforme previsto, estas posições podem ser ocupadas também por locuções menores. Sendo assim, percebemos que as margens da oração são as mais recorrentes, independentemente do tamanho do circunstancial, resultado também encontrado por Soares (2012) em sua análise sobre as locuções adverbiais iniciadas pela preposição *em*.

Nesse sentido, contrariando resultados de estudos anteriores, o peso do circunstancial temporal não se mostrou um fator determinante, nem mesmo para as margens da oração. Os circunstanciais mais extensos (acima de 6 palavras) e os médios (de 4 e 5 palavras) mantiveram-se na margem da oração. Nos dados analisados de português, as locuções adverbiais mantiveram a tendência geral na língua ao final da clausula. Nossa expectativa era que os circunstanciais menores (de 2 e 3 palavras) se ordenassem mais em posições mediais, as quais de fato são ocupadas predominantemente por eles. Entretanto, esses circunstanciais com peso menor também ocorreram de forma equivalente nas margens da sentença.

Nossa hipótese quanto à estrutura da locução adverbial, se SN ou SPrep, também não encontra confirmação na análise. Esperávamos encontrar locuções com estrutura de SN mais à margem esquerda e os SPreps, mais ligados ao verbo. O resultado ainda não foi conclusivo quanto a esse fator, visto que encontramos poucos dados com estrutura nominal e, destes, poucos se deslocaram para a margem esquerda. Dessa forma, a posição da locução em relação ao verbo não parece ser motivada pelo peso ou pela

estrutura da locução, já que o peso se mostra mais relevante apenas na pouca possibilidade de inserção de grandes circunstanciais em posições mediais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo procurou analisar e comparar dois tipos de construções adverbiais de modificação verbal do português com base na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU): os Adjetivos Adverbiais (AAs) qualitativos e as locuções adverbiais de tempo e aspecto. Por meio da análise de fatores estruturais específicos oriundos de dois estudos distintos, Campos (2019) e Ilogti de Sá (2015), o elemento interveniente, no caso dos AAs, e o tamanho e tipo da locução, no caso das locuções adverbiais, foi possível não apenas descrever padrões de uso dessas construções no português, como também propor reflexões acerca do grau de integração entre os constituintes dessas construções e os efeitos de sentido decorrentes dessa integração.

Os resultados da análise do fator elemento interveniente revelaram que a construção [V AA] tende a apresentar alto grau de integração entre o verbo e o adjetivo adverbial, o que é evidenciado pela baixa ocorrência de elementos que intervêm entre esses dois constituintes. A maioria dos dados apresenta o padrão direto Verbo + Adjetivo Adverbial, sem nenhum item interveniente, o que corrobora o subprincípio da proximidade (ou integração), conforme proposto por Givón (1995, 2001), segundo o qual elementos cognitivamente mais integrados tendem a estar sintaticamente mais próximos. Os casos em que há algum elemento entre as unidades componentes da construção [V AA], em sua maioria, correspondem a adjuntos graduadores (como *muito, bem, super*), que, por apresentarem baixa massa fônica e previsibilidade de ocorrência, não comprometem a integração entre o verbo e o adjetivo adverbial. A quase ausência de argumentos internos e externos como elementos intervenientes também aponta para a tendência de os verbos que compõem tais construções serem intransitivos, favorecendo ainda mais a integração entre o núcleo verbal e o modificador adverbial.

Já a análise das locuções adverbiais de tempo e aspecto, por sua vez, permitiu observar que, embora a estrutura da locução (se SN ou SPrep) e seu tamanho (pequena, média ou grande) tenham alguma influência sobre sua ordenação na sentença, tais fatores não se mostraram, isoladamente, determinantes para a posição ocupada pela locução. Ainda que houvesse a hipótese inicial de que sintagmas preposicionais tenderiam a se posicionar mais próximos ao verbo, os dados revelaram que ambos os tipos estruturais ocorreram majoritariamente nas margens da oração, especialmente na margem direita (VXAdv), o que sinaliza uma tendência geral do português brasileiro à pós-verbalidade dessas construções. Quanto ao tamanho da locução, confirmou-se a expectativa de que circunstanciais maiores evitassem posições mediais e se posicionassem preferencialmente nas margens da sentença, sobretudo à direita. No entanto, mesmo as locuções de menor extensão, as quais, por hipótese, teriam maior mobilidade e aceitabilidade em posições mediais, também ocorreram mais

frequentemente nas margens, o que sugere que a ordenação dessas construções se orienta mais por fatores pragmáticos e discursivos do que por restrições estruturais⁸.

Com base nos resultados aqui apresentados, podemos afirmar que tanto os AAs quanto as locuções adverbiais compõem subesquemas específicos dentro do esquema mais geral [Verbo Adverbial]. No caso dos AAs, a forte ligação entre os constituintes da construção, Verbo + Adjetivo, tende a favorecer leituras mais opacas e menos composicionais, especialmente quando a frequência de uso consolida a emergência de padrões mais integrados e, por isso, com significados mais idiossincráticos (como os exemplos 6 e 7 de *falar alto*, e de *bater forte*, respectivamente). No caso das locuções adverbiais, ainda que a estrutura e o tamanho influenciem a ordenação, é a força informativa e a organização temática da sentença são mais influentes em sua posição na sentença, indicando um funcionamento mais flexível e adaptável às condições do discurso.

Nesse sentido, o presente artigo, além de contribuir com a descrição e compreensão de construções adverbiais não prototípicas no português contemporâneo, ressalta a importância de se considerar o uso real da língua como base para a análise gramatical. A adoção da perspectiva da LFCU possibilita contemplar, de forma integrada, os níveis estrutural, semântico e discursivo-pragmático das construções analisadas. Assim, os resultados reforçam a tese de que a gramática é um sistema dinâmico, emergente e sensível às necessidades comunicativas dos falantes, cujas construções, unidades simbólicas e básicas da língua, se organizam e se reconfiguram cognitivamente em função do uso.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Mariana G. *Gramaticalização de advérbios a partir de adjetivos: um estudo sobre os adjetivos adverbializados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. Dissertação de Mestrado.
- BARLOW, Michael e KEMMER, Suzanne (eds.). *Usage based models of language*. Stanforn, California: CSLI Publications, 2000.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, J. *Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- CÂMARA Jr. J. Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CAMPOS, Júlia Langer. *Competição entre [Verbo Adjetivo Adverbial] e [V Xmente] na reconstrução qualitativa do português brasileiro: uma análise centrada no uso*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ. Faculdade de Letras, 2019.

⁸ A análise de fatores de ordem pragmático-discursivos no trabalho de Ilogti de Sá também corroboram esta afirmação.

CASTILHO, A. T. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

CASTILHO, A. *et al.* O Advérbio. In: ILARI, R. *et al.* *Palavras de classe aberta*. São Paulo, Contexto, 2014.

CROFT, William. *Typology and Universals*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

CROFT, Willian. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. *Nova gramática do Português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

GIVÓN, T. *Syntax: A Functional-Typological Introduction*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1990.

GIVÓN, T. *Syntax: An Introduction*. 2. ed. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. 2.ed. London: Edward Arnold, 1994.

HUMMEL, Martin. *A conversão do adjetivo em advérbio em perspectiva sincrônica e diacrônica*, Actas do Sexto Congresso da AIL – Associação Internacional de Lusitanistas (Rio de Janeiro, 08 a 13 de agosto de 1999), http://www.geocities.com/ail_br/ail.html. 2003.

ILARI, R. *et al.* Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, A. T. *Gramática do português falado: a ordem*. Vol. I. São Paulo: Editora da UNICAMP/ FAPESP, 1990.

ILARI, R. *A Expressão do Tempo em Português*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2001

ILOGTI DE SÁ, Érika Cristine. *Aconteceu em 2015 e En 2015 il est arrivé: Ordenação dos Circunstanciais Temporais e Aspectuais no Português e no Francês*. Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras, 2015.

ILOGTI DE SÁ, E. C. *Ordenação de Locuções de tempo e Aspecto em Textos Jornalísticos: uma Abordagem Funcionalista*. Dissertação de Mestrado, UFRJ, 2009.

MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

MARTELOTTA, M. E. Advérbios: conceitos e tendências de ordenação. In: OLIVEIRA, M. R.; CEZARIO, M. M. (orgs.). *Adverbiais: aspectos gramaticais e pressões discursivas*. Niterói: Editora da UFF, 2012.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2011.

SOARES, B. G. *Ordenação de Locuções Adverbiais Temporais iniciadas pela preposição em (e contrações) em textos jornalísticos*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2012. Dissertação de Mestrado em Linguística.

TIRADENTES, R. P. *A construção com adjetivo adverbial: investigando sua configuração no português brasileiro do século XX*. Rio de Janeiro, Monografia apresentada à Faculdade de Letras. UFRJ, 2018.

TOMASELLO, M. *Constructing a Language: A Usage-Based Theory of Language Acquisition*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2003.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs, & TROUSDALE, Graeme. *Construcionalization and Constructional Changes*. Oxford: University Press, 2013.

TRAVAGLIA, L. C. O verbo e a ordenação referencial de situações em diferentes tipos de textos. In: *Colóquio Internacional De Linguística Hispânica*, 4, 1993, Leipzig. Verbo e estruturas fráscas: Actas.... Porto: Revista da Faculdade de Letras do Porto, p.225- 239, 1994.

Recebido em: 30/10/2025

Aprovado em: 09/12/2025

Publicado em: 08/01/2026